

Lukács e os escritos estéticos de Marx e Engels

*Luis Sérgio Santos **

ABSTRACT

Lukács and Marx's and Engels's Aesthetic Writings

This paper comments on how Lukács thinks a Marxist aesthetic theory based on Marx's and Engels's aesthetic writings, and it advances towards other thinkers, such as Fredric Jameson, Terry Eagleton and Cliff Slaughter, all of them occupied with the issue proposed by Lukács, despite different postures and even a harsh criticism to certain behaviours of this hungarian thinker in his radical involvements with Stalin.

RESUMO

Este ensaio comenta como Lukács pensa uma teoria estética marxista a partir dos escritos estéticos de Marx e Engels e avança para outros pensadores, como Fredric Jameson, Terry Eagleton e Cliff Slaughter, todos eles preocupados com o objeto proposto por Lukács, em que pese posturas diferentes e mesmo uma severa crítica a certos comportamentos do pensador húngaro no seu envolvimento radical com Stálin.

O crítico marxista húngaro Georg Lukács tenta, no seu ensaio "Introdução aos Escritos Estéticos de Marx e Engels", sistematizar o que seria uma estética marxista a partir do próprio Karl Marx e de Friedrich Engels. Lukács tenta, portanto, fazer aquilo que nem um nem outro pensador fizeram. A grande frustração de Marx, dizem seus estudiosos, respaldados em confissões do próprio autor, é não ter escrito sua obra estética. Marx ficou sempre adiando a consecução desse projeto a favor de sua obra social e econômica. Entretanto, estão esparsados em dezenas de escritos alguns momentos precisos que determinam a linha básica para o desenvolvimento epistemológico de uma estética marxista.

(*) *Professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará. Mestrando em Ciências da Comunicação na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.*

Lukács mapeia as passagens em Marx e Engels onde estes emitem impressões objetivas e subjetivas sobre a arte e particularmente sobre a literatura. Em verdade, a estética marxista enfatiza a literatura como o grande momento da arte a favor das transformações sociais na perspectiva a que se propõe o projeto de sociedade de Marx. Pode-se dizer que em vários momentos a estética marxista é a transposição para a arte das idéias de Marx e seu materialismo dialético (a evolução das forças produtivas determinando a evolução da sociedade). Observou Cliff Slaughter na sua obra "Marxismo, Ideologia e Literatura" (1983): "Compreender a literatura e arte e a natureza de sua atração do ponto de vista marxista significa primeiro focalizar da maneira mais precisa possível o caráter específico das relações sociais". O próprio Slaughter é mais enfático. "... O método dialético-materialista e a teoria da História desenvolvida por Marx e Engels têm implicações profundas para a interpretação da literatura."

Também Terry Eagleton, ao analisar as questões *forma e conteúdo* em Hegel e Marx na perspectiva de uma estética marxista, na valiosa obra "Marxismo e Crítica Literária", assim interpreta a idéia dos dois pensadores, concluindo a seu modo: "As formas são historicamente determinadas pelo tipo de *conteúdo* que têm de incorporar; são alteradas, transformadas, destruídas e revolucionadas à medida que o próprio conteúdo muda. Neste sentido, o *conteúdo* é anterior à *forma*, tal como, para o marxismo, são as transformações no conteúdo material de uma sociedade, o seu modo de produção, que determinam as *formas* de sua superestrutura".

Assim como na vida real, também na estética marxista *forma e conteúdo* promovem a dialética materialista. O provável embate entre *forma e conteúdo* por uma primazia na estética marxista tem confundido muitos críticos. Lembra Eagleton que os críticos marxistas ingleses dos anos trinta se lançavam sobre as obras literárias como meros patrulhadores ideológicos, relacionando o conteúdo diretamente com a luta de classes ou a economia, bem ao modo do *marxismo vulgar*. Prevalece no leque de pensadores pós-Marx a afirmação de Georg Lukács: "Em arte, os verdadeiros portadores da ideologia são precisamente as formas da própria obra, e não o conteúdo que dela se possa abstrair." "Encontramos a marca da História na obra literária" – arre-mata Eagleton – "precisamente *como literária*, não como qualquer forma superior de documentação social".

Esta é sem dúvidas uma determinante da estética marxista com forte descendência de Marx. Uma de suas paixões na literatura era o gênio do escritor francês Honoré de Balzac, um dos maiores produtores da arte realista a partir do surgimento do romance histórico no século XIX. O fato de Balzac ter sido um escritor burguês em sua vida cotidiana pouco é refletido em sua obra, e aquela constatação não inibe Marx. Balzac burguês ou aristocrático não importa. O que importa para a concepção da estética marxista é que Balzac expressa em sua obra "aqueles momentos essenciais precisamente por meio da representação fantástica".

"Marx e Engels" – escreve Lukács – "viram em Balzac a orientação artística realista que melhor correspondia à sua *estética*. A preferência por estas grandes individualidades indica que a concepção marxista de realismo não tem nada a ver com a reprodução fotográfica da vida cotidiana." As *grandes individualidades* a que Lukács se refere são também dois conceitos básicos da

obra estética lukácsiana pinçados em Marx e Engels. Para estes, “realismo significa reprodução fiel de caracteres típicos em circunstâncias típicas”. Assim como para Lukács. De sorte que em muitos momentos Lukács reforça suas idéias a partir de Marx e Engels. E na perspectiva dos dois, Lukács defende que toda a *grande arte* é socialmente progressiva, independente de filiação política consciente do autor. Balzac era reacionário, mas aprendeu a vitalidade das forças históricas na perspectiva da mudança e do crescimento, “revelando o seu potencial em desenvolvimento na mais plena complexidade” (Eagleton).

Um conceito crítico de Lukács ganha reforço em escritos anteriores de Marx e Engels: a *tipicidade*. Ao contrário do que se diz, porém, tal conceito, dentre outros, é essencialmente hegeliano, e não diretamente marxista, segundo Terry Eagleton. Entretanto, o próprio Eagleton reconhece que Marx e Engels usam a noção de “típico” em sua crítica literária. A tipicidade reside na personagem, que, encarnando as forças históricas de sua época, ao mesmo tempo não prescinde de sua riqueza individual.

Lukács assume o discurso do texto e se reforça em Marx e Engels quando diz que “a arte autêntica tende a ser profunda e abrangente.... Representa, pois, sempre uma totalidade da vida humana, dando-lhe uma forma em seu movimento, evolução e desenvolvimento”.

Lukács critica os que, “sem fundamento e sem autêntico conhecimento, unem a concepção de mundo do proletariado com algo *radicalmente novo* e com um *vanguardismo literário*”, e ainda “os que crêm que a libertação do proletariado significa no terreno da arte um abandono completo do passado. Os clássicos e fundadores do marxismo não acataram nunca esta atitude”.

Escreve Lukács: “A estética marxista combate todo naturalismo, toda tendência que se contente com a reprodução fotográfica da superfície imediatamente percebida do mundo”.

A permeabilidade de Lukács é enfática a este respeito sempre a propósito de Marx e Engels. Ele diz:

“O marxismo combate os que chegam ao extremo teórico e prático de atribuir às formas artísticas uma independência absoluta. A tarefa da arte é a representação fiel e veraz da totalidade real; a arte está tão longe da cópia fotográfica como do jogo com formas abstratas, vazio em última instância.

“O realismo é para a concepção marxista a materialização da essência.”

O modo insistente com o qual Lukács “entra” nas idéias estéticas de Marx e Engels tomando-as como base para o desenvolvimento de sua própria estética marxista ganha paralelo na crítica implícita a Stálin. Lukács está num processo de autocrítica após seu rompimento com Stálin e sua forma de governo marxista. Em 1957 ele fala dos compromissos que um escritor marxista se viu obrigado a assumir para poder publicar suas obras e exercer a sua influência. Muitos fizeram concessões, mas Lukács, referindo-se a ele próprio, prefere falar de compromissos. “Estes compromissos se centraram em torno da personalidade e do trabalho de Stálin.” Num ensaio que escreveu sobre um escrito de Stálin, Lukács demonstrou que uma superestrutura pode *também* atacar a base existente, e esta pode endereçar-se a desagregá-la e destruí-la. Ao contrário, para Stálin a superestrutura serve sempre a uma base determinada e somente a uma.

Um outro ponto de Stálin refutado por Lukács. Para aquele, a superestrutura inteira desaparece com o desaparecimento da base. E Lukács, sem mencioná-lo explicitamente, posiciona-se que ao desaparecer a base em absoluto toda a superestrutura ficará abalada.

Na “Introdução aos Escritos Estéticos de Marx e Engels”, Lukács re-toma o assunto enfatizando a crítica à tese “mecânica e falsa” do materialismo vulgar de que “entre a base e a superestrutura existe uma simples relação causal na qual a base é somente causa e a superestrutura é só efeito. Aos olhos do marxismo vulgar, a superestrutura é um efeito mecânico causal da evolução das forças produtivas”.

De modo claro, num contraponto a Stálin, Lukács ironiza os que vêm nas ideologias o produto mecânico passivo do processo econômico que constitui sua base. Para ele, “estes não entendem absolutamente nada da essência e da evolução das ideologias mesmas e não estão representando o marxismo, senão uma caricatura do marxismo”.

Assim como Lukács é severo com Stálin, numa fase de arrependimento daquele, do mesmo modo o professor Cliff Slaughter, da Universidade de Bradford, Inglaterra, é severo com Lukács, dentre outros renomados escritores para uma estética marxista. Não que Slaughter defenda Stálin ou seja condescendente com este. Muito pelo contrário, Slaughter o abomina como abomina em Lukács suas concessões ao stalinismo. Ele não nega – nem o poderia – a grande contribuição de Lukács, “importante e excepcional para a teoria marxista da literatura e da arte”.

Slaughter é trotskista e acentua no livro “Marxismo, Ideologia e Literatura” que o burguês-democrata Lukács é muito simpático ao proletariado e suas lutas – só até certo ponto, isto é, até quando estas não se estendam ao problema da independência política da classe operária. Este comportamento de Lukács veio atender às expectativas do stalinismo. “Dentro deste quadro, Lukács pode ignorar, de maneira gritante e grosseira, a obra de Trotski sobre a literatura como sobre outras questões”.

Na verdade, Slaughter pretende desmontar Lukács do ponto de vista de uma suposta moral marxista deste. Para aquele, Lukács é nada mais que um burguês-progressista que, por força da burocracia soviética e do stalinismo, desenvolveu com limitações as idéias de Marx sobre estética e literatura. “São limitações da força social com as quais ele [Lukács] conciliou na vida”.

Slaughter lembra que no livro “Arte e Sociedade” Lukács “explicou” as concessões táticas de sua obra sobre o realismo na década de 1930, afirmando que isso não afetou “o conteúdo real, essencial”, de seu trabalho. Dentre as “concessões táticas”, estão referências respeitadas ao gênio de Stálin. “.... Não havia discordância entre Lukács e o stalinismo em questões básicas”, arre mata Slaughter.

Se para Slaughter Lukács é “Um Homem Para Todas as Circunstâncias” – título do seu ensaio no livro já mencionado –, para Fredric Jameson Lukács merece uma defesa. E é exatamente isto que ele faz no seu livro “Marxismo e Forma”, no ensaio “Em Defesa de Georg Lukács”.

Ao contrário de Slaughter, Jameson esquece – certamente de propósito – a grande ligação de Lukács com Stálin e se limita apenas ao brilhante intelectual e formulador de uma estética que buscou em Marx e Hegel seus principais fundamentos. Mesmo com tal concessão explícita, Jameson mapeia

um Lukács em três grandes momentos, onde se vislumbra, claro, o Lukács sob os auspícios do regime stalinista. Mas este mapeamento é, na verdade, uma crítica aos limites conceituais do Ocidente, que substituem o desenvolvimento intelectual de Lukács pelo mito da sua carreira. Esta é, sem dúvida, uma crítica ao ensaio de Slaughter. Jameson toma exatamente o caminho oposto e vê na obra de Lukács uma totalidade onde a compreensão dos primeiros trabalhos só é possível apenas à luz dos últimos. Na verdade ele se insurge contra os cortes sistemáticos em períodos históricos da vida de Lukács, como se isso fosse possível. Jameson acha que as posições sucessivas de Lukács são, na verdade, uma exploração progressiva e ampliação de uma única problemática.

Fredric Jameson, tido como a figura central da crítica literária marxista nos Estados Unidos, estuda Lukács num contraponto a Hegel e a Marx e passeia pelas principais obras daquele: “História e Consciência de Classe”, “Teoria do Romance”, “O Romance Histórico” e outras.

Jameson retoma pelo menos dois pontos de “Introdução aos Escritos Estéticos de Marx e Engels”.

“... Para Lukács, a personagem realista se distingue das outras, próprias a outras formas de literatura, pela sua *tipicidade*: ela representa algo mais amplo e significativo do que ela própria, do que seu destino individual tomado isoladamente. As personagens realistas são individualidades concretas e, no entanto, simultaneamente mantêm relação com uma substância humana mais geral e coletiva. A noção de *tipicidade*, que na obra literária do Ocidente se tornou algo desgastado, se não suspeito, já estava presente naquela que deve ser a primeira espécie de crítica literária marxista, a saber, a longa discrepância entre Marx, Engels e Lassale sobre a peça teatral deste, ‘Franz von Sickingen’. Estava, portanto, explicitamente relacionada com o problema do drama histórico e da obra de arte histórica em geral”.

São conceitos indicadores desta primeira crítica literária marxista que Lukács toma para escrever sua “Introdução aos Escritos Estéticos de Marx e Engels”.

Tudo descansa, porém, no materialismo histórico e na dialética marxista, porquanto a origem e o desenvolvimento da literatura são partes de uma totalidade histórica social. As obras literárias são partes do processo social, e sua essência e eficácia são indicadores do seu valor estético, isto é, do modo como o seu escritor se relaciona com o todo social, mesmo preservando sua individualidade.

Lukács escreve que “a estética, a história literária e a história da arte marxistas são uma parte do materialismo histórico... e a aplicação do materialismo dialético”. Ele enfatiza bastante esta relação intrínseca. Só na perspectiva do materialismo histórico pode entender-se a origem da arte e da literatura, a legalidade de sua evolução, suas inflexões e desenvolvimento, seu florescimento e sua decadência no seio do processo total.

Assim como Marx, Engels e Lukács, Fredric Jameson defende que a forma da obra depende da lógica profunda de sua própria essência e de suas componentes materiais. “A palavra *típico* serve apenas como um nome para a articulação em personagens individuais desta realidade de base que é a substância ou o conteúdo da obra de arte.”

E Jameson retoma a crítica ao materialismo vulgar:

“Evidentemente, esta categoria tem sido mal usada na prática, própria ao marxismo vulgar, de reduzir as personagens a meras alegorias das forças sociais, de transformar personagens *típicas* em meros símbolos de classe, tais como o pequeno-burguês, o contra-revolucionário, o nobre rural, o intelectual socialista utópico e assim por diante. Sartre – continua Jameson – observa que tais categorias são elas próprias idealistas, pois pressupõem formas imutáveis, idéias platônicas eternas, das várias classes sociais: o que elas deixam de lado é precisamente a história, e a noção de situação histórica peculiar, única, à qual Lukács sempre foi fiel em sua atividade crítica”.

Referências

1. EAGLETON, Terry. **Marxismo e Crítica Literária**. Edições Afrontamento, Porto, 1976.
 - O autor faz uma síntese da história e das idéias da crítica marxista a partir dos textos fundamentais de Marx e Engels. Retoma questões desde o debate histórico à necessidade de revalorização de teóricos como Walter Benjamin.
2. JAMESON, Fredric. **Marxismo e Forma**. Editora Hucitec, São Paulo, 1985.
 - O autor faz uma revisão das principais leituras da estética marxista no século XX. Retoma Theodor Adorno, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Ernst Bloch, Georg Lukács e Jean-Paul Sartre tendo como pano de fundo a dialética de Hegel. É deste livro que utilizamos os conceitos a favor de Lukács bem como a concordância à crítica lukácsiana ao marxismo vulgar.
3. LUKÁCS, Georg. **Introdução a uma Estética Marxista**. 2ª edição. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1978.
 - Este livro inclui o ensaio “Introdução aos Escritos Estéticos de Marx e Engels”, e dele se extrai a espinha dorsal que conduz o presente texto, qual seja, as principais idéias estéticas para uma crítica marxista.
4. MARX, Karl, & ENGELS, Friedrich. **Sobre Literatura e Arte**. 2ª edição. Global Editora, São Paulo, 1986.
 - Excertos dos escritos estéticos de Marx e Engels a partir de vasta correspondência destes. Aqui é possível uma nova versão para as mesmas idéias de “Introdução aos Escritos Estéticos de Marx e Engels”.
5. SLAUGHTER, Cliff. **Marxismo, Ideologia e Literatura**. Zahar. Rio de Janeiro, 1983.
 - Num ensaio sobre Lukács inserido aqui, o autor põe em relevância o envolvimento do crítico marxista húngaro com o stalinismo e com a burocracia soviética, suas concessões que o fizeram conivente com Stálin. O autor tenta levar Lukács de roldão como um intelectual ambíguo e contraditório. Mas não nega o valor de sua extensa obra.